



Manifestação de Solidariedade

Mais de cem amigos, colegas, colaboradores e ex-alunos compareceram ontem ao jantar que se realizou no Restaurante Ca-

thay, em homenagem e solidariedade ao professor Renato Jardim Moreira, o segundo da esquerda para a direita.

Jantar em homenagem a ex-diretor do DEPS

Amigos, colegas e colaboradores do professor Renato Jardim Moreira, ex-diretor da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais, do Centro Regional de Pesquisas Educacionais, ofereceram-lhe ontem um jantar de homenagem, que se realizou no Restaurante Cathay, à avenida Paulista.

Coube ao professor Laerte Ramos de Carvalho, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de S. Paulo, proferir o discurso de saudação, no qual enalteceu a ação do dr. Jardim Moreira à frente da Divisão de Estudos e Pesquisas Sociais e hipotecou-lhe a solidariedade dos presentes.

Falou, ainda, em nome dos colaboradores e ex-alunos, a senhorita Joana Klein, que lamentou não ter o prof. Jardim Moreira encontrado clima favorável ao desenvolvimento de seu programa de trabalho.

AGRADECIMENTO

Agradecendo a homenagem, o dr. Renato Jardim Moreira proferiu o seguinte discurso:

"Para todos os que hoje nos reunimos, e que temos participado de um mesmo mundo, no qual fomos progressivamente nos integrando, desde a formação uniformemente recebida nos bancos escolares, até os ideais e objetivos propostos em nossa vida profissional, esta oportunidade não significa apenas um jantar agradavelmente partilhado por amigos. Ela é o resultado, como sabemos, de um episódio que envolveu todo um grupo de pessoas dedicadas à investigação científica. Não me parece, portanto, que a ocasião deva passar sem uma referência às condições em que a nossa atividade tem-se desenvolvido e aos fatores que, em nosso meio, dificultam a realização dos ideais a que me referi — ideais que, embora reinterpretados por cada um de nós, pelas nossas inclinações pessoais, permanecem fundamentalmente os mesmos: os do trabalho científico honesto e profícuo. Desejo, assim, apresentar algumas reflexões sobre esse tema, nascidas de leituras e de minha experiência na direção de um setor de pesquisas sociais.

O extraordinário desenvolvimento das ciências nos últimos tempos complicou sobremaneira a organização do trabalho científico. A tremenda acumulação de conhecimentos não mais permite que todo um campo do saber seja dominado por uma só pessoa. O complexo instrumental criado para aumentar a precisão dos procedimentos científicos exige um grupo numeroso de operadores especializados. Em determinadas pesquisas, no campo específico das ciências sociais, o contingente de pessoal necessário ainda cresce, pela exigência de manipular elevado número de casos para se obter um conhecimento generalizável. Essas condições estão transformando o cientista, de um homem isolado, era um participante de uma equipe e produzindo a institucionalização do trabalho científico, através da formação de grandes estabelecimentos de pesquisa, com numeroso corpo técnico.

jovem cientista é tão precária quanto a de qualquer existência quase-proletária".

A situação de convivência numa organização com características patrimonialistas traz insatisfações e ressentimentos, por estarem as relações entre seus participantes reguladas por normas que apelam fortemente para vínculos pessoais e que constituem, muitas vezes, na sociedade moderna, simples expressões formais, verbalizações destituídas de conteúdo. Ressentimentos, é bem verdade, nascem em qualquer condição de convívio social, mas só assumem proporções assustadoras quando falta aos que os sofrem qualquer sentimento de segurança, garantida por estatutos impessoais. Mas, nessas decepções, nunca o indivíduo é o maior prejudicado, pois ele, de um modo ou de outro, se acaba recompondo. O trabalho científico, este sim fica comprometido. E é ele que precisa ser defendido e ficar livre de sobrevivências e de tentativas de reimplantação de padrões organizatórios que não permitem obter rendimento correspondente às energias e recursos nele investidos. E essa defesa cabe, principalmente, aos jovens cientistas que, tomando consciência de sua condição e da alienação que ela implica, não encontram outra alternativa senão lutar pela reestruturação do sistema a que estão presos. As barreiras a ultrapassar são ainda sólidas, e por isto, todos os que vêem no trabalho de equipe uma via fecunda para a criação científica devem-se congregiar para conseguir sua objetivação, deixando de lado pequenas diferenças pessoais.

E' preciso proteger os ideais incorporados na juventude, que dão sentido ao estilo de vida que escolhemos, e impedir que sejam irremediavelmente comprometidos por fatores aleatórios. E' preciso preservá-los e, mais ainda, lutar para que se efetivem. Não fiquem esquecidos os nossos ideais de trabalho científico honesto e profícuo. Não sejam eles substituídos, no impacto das condições que ainda lhes são adversas, pelas mais compensadoras atitudes que levam ao prestígio e ao poder. E' pensando na preservação desses ideais e em sua concretização que aceito esta homenagem, não pessoalmente, mas como membro de um grupo, partilhando-a com meus jovens colegas que defendem melhores condições para o seu trabalho e com aqueles que, estando já em etapas mais avançadas de suas carreiras, compreendem claramente a responsabilidade que lhes cabe na abertura de vias criadoras e fecundas para o progresso científico.

A implantação do novo modelo de trabalho, imposição da ciência moderna, vem encontrando toda a sorte de obstáculos. Um deles, já em 1918 era apontado por Max Weber em sua conferência sobre a "Ciência como Vocação". Ao traçar o perfil de carreira acadêmica na Alemanha e nos Estados Unidos, observa diferenças radicais nas condições de trabalho dos jovens intelectuais nesses países, mas indica um setor em que a universidade alemã se aproxima da americana: o dos grandes institutos de Medicina e de Ciências Naturais. Em seu tempo, eram essas as únicas áreas do conhecimento científico onde o trabalho se realizava através de estruturas complexas e diferenciadas. E a análise que delas nos deixou ajusta-se às nossas próprias condições atuais, de incipiente institucionalização das atividades científicas. Afirma Weber que essas grandes organizações "são como empresas capitalistas estatais que não podem funcionar sem fundos consideráveis. Nelas encontramos as mesmas situações existentes onde quer que opere uma empresa capitalista: a separação do trabalhador de seus meios de produção. O trabalhador, isto é, o jovem cientista, depende dos instrumentos que o Estado põe à sua disposição e assim depende do diretor do instituto, da mesma forma que o operário da gerência da fábrica. Isto porque, subjetivamente e de boa-fé, o diretor acredita que o instituto seja seu e assim o dirige. Desse modo, a posição do